



VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE BIOCULTURAL POR MEIO DO ESTUDO DOS NOMES VERNACULARES DE PLANTAS E ANIMAIS

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

Abstract: The dialogue between ethnoscience and ecolinguistics, focused on the vernacular names of fauna and flora species, reveals the deep interconnection between linguistic diversity and the understanding of ecosystems. The vernacular names of animals and plants play a fundamental role in this dialogue, as they carry information about the characteristics, uses and behaviors of species, revealing the ethnoecological knowledge accumulated over generations. Ecolinguistics helps to understand how these vernacular names express the cultural relationship with nature, showing how language shapes the perception and interaction with ecosystems. Vernacular names often reflect not only the physical characteristics of species, but also their roles in the belief systems, diet and economy of the community. Thus, the study of these names allows access to a wealth of ecological knowledge that can be vital for the conservation of biodiversity. This dialogue between ethnoscience and ecolinguistics is essential for the preservation of traditional knowledge, since phytonyms and zoonyms are often at risk of disappearing along with the languages and cultures that originated them. The appreciation and documentation of this knowledge contributes to the conservation of biocultural diversity, recognizing that the protection of the environment is intrinsically linked to the preservation of the languages and cultural practices that keep this knowledge alive.

Keywords: Phytonomy; zoonymy; ethnotaxonomy

Resumo: O diálogo entre etnociências e ecolinguística, focado nos nomes vernaculares de espécies da fauna e flora, revela a profunda interconexão entre a diversidade linguística e a compreensão dos ecossistemas. Os nomes vernaculares de animais e plantas desempenham um papel fundamental nesse diálogo, pois carregam informações sobre características, usos e comportamentos das espécies, revelando o conhecimento etnoecológico acumulado por gerações. A ecolinguística ajuda a compreender como esses nomes vernaculares expressam a relação cultural com a natureza, mostrando como a linguagem molda a percepção e a interação com os

ECO-REBEL

ecossistemas. Muitas vezes, os nomes vernaculares refletem não apenas características físicas das espécies, mas também seus papéis nos sistemas de crenças, na alimentação e na economia da comunidade. Assim, o estudo desses nomes permite acessar uma riqueza de conhecimento ecológico que pode ser vital para a conservação da biodiversidade. Esse diálogo entre etnociências e ecolinguística é essencial para a preservação de saberes tradicionais, pois muitas vezes os fitônimos e os zoônimos correm o risco de desaparecer junto com as línguas e culturas que os originaram. A valorização e documentação desses conhecimentos contribuem para a conservação da diversidade biocultural, reconhecendo que a proteção do meio ambiente está intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que mantêm esse conhecimento vivo.

Palavras-chave: Fitonímia; zoonímia; etnotaxonomia.

Resumen: El diálogo entre etnociencias y ecolingüística, centrado en los nombres vernáculos de las especies de fauna y flora, revela la profunda interconexión entre la diversidad lingüística y la comprensión de los ecosistemas. Los nombres vernáculos de animales y plantas juegan un papel fundamental en este diálogo, pues llevan información sobre las características, usos y comportamientos de las especies, revelando el conocimiento etnoecológico acumulado durante generaciones. La ecolingüística ayuda a comprender cómo estos nombres vernáculos expresan la relación cultural con la naturaleza, mostrando cómo el lenguaje moldea la percepción y la interacción con los ecosistemas. Los nombres vernáculos a menudo reflejan no sólo las características físicas de las especies, sino también sus roles en los sistemas de creencias, la dieta y la economía de la comunidad. Así, el estudio de estos nombres permite acceder a una riqueza de conocimientos ecológicos que puede ser vital para la conservación de la biodiversidad. Este diálogo entre etnociencias y ecolingüística es esencial para la preservación de los conocimientos tradicionales, ya que los fitónimos y zoónimos a menudo corren el riesgo de desaparecer junto con las lenguas y culturas que los originaron. La valorización y documentación de estos conocimientos contribuye a la conservación de la diversidad biocultural, reconociendo que la protección del medio ambiente está intrínsecamente ligada a la preservación de las lenguas y prácticas culturales que mantienen vivos estos conocimientos.

Palabras-clave: Fitonimia; zoonimia; etnotaxonomía.

1. Introdução

A interconexão entre diversidade linguística e ecossistemas é um tema de crescente relevância nas discussões acadêmicas contemporâneas (COUTO, 2007). A forma como os povos nomeiam e falam sobre a natureza pode moldar suas percepções e ações em relação ao meio ambiente (FILL; MUHLHAUSLER, 2001). Essa abordagem revela que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um agente de formação de pensamento e identidade cultural.

O diálogo entre etnociências e ecolinguística, particularmente em relação aos nomes vernaculares de animais e plantas, oferece uma janela única para compreender como as culturas

humanas interagem com o meio ambiente (COUTO, 2009). Os saberes tradicionais de diferentes culturas, focando na maneira como estas percebem e interagem com o mundo natural, refletem um *corpus* e uma *práxis* acumulados ao longo do tempo (POSEY, 1999). Por exemplo, comunidades indígenas têm uma relação intrínseca com as espécies da flora e fauna locais, desenvolvendo um entendimento profundo sobre os ciclos de vida, habitats e propriedades alimentícias e medicinais das espécies que habitam suas terras (HUNN, 1993).

2. Nomes vernaculares e os estudos em etnobiossistemática

Os nomes vernaculares desempenham um papel central nas inter-relações dos seres humanos com o mundo natural. Eles não são meras designações, mas carregam significados que englobam aspectos culturais, ecológicos e até espirituais (DA-SILVA, 2023). Ao estudar os nomes vernaculares, os pesquisadores em etnossistemática podem identificar correspondências e diferenças entre os saberes locais e os sistemas científicos, promovendo o diálogo entre saberes e contribuindo para a conservação da biodiversidade e do patrimônio cultural. Este é o caso da flor-mariposa ou lírio-borboleta (*Hedychium coronarium*, Zingiberaceae; Figura 1), macrófita aquática considerada exótica e invasora fora da região do Himalaia, seu centro dispersor (SANTOS et al., 2005). Devido à sua presença na cultura cubana, a flor-mariposa foi eleita, em 13 de outubro de 1936, pela Assembleia Legislativa do Poder Popular, como flor nacional e atributo pátrio (BITENCOURT; CORDOVEZ LÓPEZ, 2024).

Através dos nomes dados a animais e plantas, as comunidades expressam seu conhecimento e suas interações com esses seres. Por exemplo, a nomenclatura de uma planta medicinal pode incluir referências ao seu uso na medicina tradicional, indicando a importância dessa espécie para a saúde da comunidade (BERLIN, 1992). Exemplos: *Chenopodium anthelminticum*, *Cybistax antisiphilitica*, *Tripogandra diuretica*, *Phyllanthus urinaria* e *Smilax medica*. Com relação aos zoônimos, o nome atribuído a uma determinada espécie animal pode incorporar sua relação com a cadeia alimentar ou seu papel na cultura local, como em muitas culturas nas quais certos animais são considerados sagrados ou simbólicos.



Figura 1. Flor Mariposa (*Hedychium coronarium*). Fonte: <https://www.cubatesoro.com/flor-mariposa/>

A compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática. O nome de um animal ou de uma planta aponta para um conceito, categoria ou táxon, que é um arquivo de história natural cheio de informação, uma vez que pode revelar, assim como, às vezes, obscurecer, como os processos de percepção, identificação e nominação foram e estão organizados (DALY, 1998). Desse modo, a obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente e uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado (ATRAN, 1990; BERLIN, 1992).

Pesquisa na área de etnoentomologia realizada com indígenas Pankararé, residentes no estado da Bahia, revelou 23 etnoespécies de “abeia” (COSTA NETO, 1998). Este lexema é semanticamente usado para se referir às vespas (Vespidae) e abelhas (Apidae) que produzem e estocam mel. Esse grupo diferencia-se dos demais insetos porque possuem significados múltiplos, especialmente devido ao seu valor mágico-medicinal. Espécies de Hymenoptera além de Apidae e Polistinae (Vespidae), tais como mangangás e abelhas e vespas solitárias, foram todas denominadas como “besouros”. Alguns deles são recebem nomes locais. Por outro lado, vespas sociais com ninhos abertos (gêneros *Polistes* e *Apoica*) são chamados de “marimbondos”. Seus ninhos são usados na medicina popular (Figura 2): *Marimbondo-chapéu* e *marimbondo-caboclo* não são “abeias” porque não produzem mel.



Figura 2. Marimbondo-chapéu (*Apoica pallens*). Fotografia de Costa Neto (2006).

Os nomes vernaculares de espécies não apenas descrevem características físicas, mas também transmitem saberes sobre o comportamento e o habitat dos seres vivos, evidenciando um entendimento complexo do ecossistema. Isso fica evidenciado nos exemplos abaixo, todos registrados durante pesquisa de doutoramento realizada na comunidade de Pedra Branca, no estado da Bahia (COSTA NETO, 2003):

Formiga-taco-taco = *Porque ela só anda batendo a cabeça taco, taco.*
Quando ela vê a pessoa ela fica taco, taco, batendo.

ECO-REBEL

Formiga-boca-de-capim = *Porque ela faz a casa dela, entendeu? Ela vive no buraco, faz o buraco, né? E faz uma boquinha de capim, entendeu?*

A gente mata porque tem medo de entrar em casa e virar cobra (R., 19 anos).

A história que eu sei do louva-a-deus é que ele vira outro inseto com o nome de cobra-de-cipó. Ela fica da cor do mato. É gerado do camará. Cai as pernas e vira a cobra-de-cipó. É uma cobra besta (Seu Z., 50 anos).

Já vi virá de camará. Já tem muito tempo. Eu era muito garotinha. Minha mãe mostrou à gente [...]. Ele ficou um pedaço era madeira mesmo do camará e outro pedaço já tinha as pernas, já tinha o olho, já tinha a carinha e já tava se bulindo e tava terminando de tirar do meio pra baixo. E o povo diz que vira cobra-de-cipó. Se é eu não sei [...] (Dona M., 80 anos).

Pesquisa desenvolvida sobre percepção e usos de vespas por moradores do povoado de Pedra Branca, localizado no município de Santa Teresinha, Bahia, revela que características nominativas, como a morfologia do inseto, seu comportamento, o efeito da ferroada, o habitat e a estrutura do ninho, parecem ser significativamente importantes no processo de nomeação e diferenciação das etnoespécies (COSTA NETO, 2004). No que se refere à morfologia, as vespas são identificadas de acordo com a cor, tamanho e consistência do tegumento. Quando a característica nominativa é o habitat, as vespas são rotuladas de acordo com os substratos usados para construção de seus vespeiros (chamados localmente de “caixas”). Em relação à estrutura do vespeiro, os indivíduos percebem o formato, a consistência e o número de insetos observados na colônia para formar os nomes populares. Considerando todas essas características, registrou-se um total de 49 nomes usados para identificar as etnoespécies de vespas (Quadro 1). Essa abundância de nomes populares tem um propósito prático, pois é útil conhecer e diferenciar nominalmente as variedades de vespas que vivem na área para saber quais são as mais agressivas e quais são as menos perigosas.

Quadro 1. Marimbondos ($N = 49$) que ocorrem na região da Serra da Jiboia, Bahia, segundo as características nominativas salientadas pelos entrevistados.

Características nominativas	Morfologia	Cor	Marimbondo-vermelho, Marimbondo-preto, Marimbondo-caboclo, Marimbondo-enxofre, Marimbondo-mosquito-vermelho, Marimbondo-asa-branca, Marimbondo-faísca
	Tamanho		Marimbondo-mosquito, Marimbondo-jitaí, Marimbondo-mosquitinho, Marimbondo-miúdo, Marimbondo-joãozinho, Marimbondo-manezinho
	Consistência do tegumento		Marimbondo-de-couro

	Hábitat	Marimbondo-de-manga, Marimbondo-de-oco, Marimbondo-de-buraco, Marimbondo-mateiro
Estrutura do ninho	Formato	Marimbondo-pata-de-boi, Marimbondo-escopo, Marimbondo-bico-de-bule, Marimbondo-pé-de-bota, Marimbondo-tatu, Marimbondo-garrote, Marimbondo-saco-de-boi, Marimbondo-sussubera, Marimbondo-capanga-de-garrote, Marimbondo-peito-de-moça, Marimbondo-chapéu, Marimbondo-ovo-de-boi, Marimbondo-cunhão-de-garrote, Marimbondo-palmatória, Marimbondo-percarta, Marimbondo-de-pote, Marimbondo-peito-de-vaca, Marimbondo-de-purrão, Marimbondo-joão-de-barro
	Consistência	Marimbondo-farinha-seca
	Número de indivíduos presentes	Marimbondo-três-irmãos, Marimbondo-dois-irmãos, Marimbondo-sete-homens, Marimbondo-dois-amigos, Marimbondo-três-amigos
	Comportamento	Marimbondo-sanharó, Caçador, Cavalo-dão, Marimbondo-exu
	Efeito da ferroada	Marimbondo-tapa-guela, Mangangá

3. O papel dos nomes vernaculares na conservação da biodiversidade

A relação entre etnociências e ecolinguística tem profundas implicações para a conservação da biodiversidade. Estudos demonstram que a documentação e valorização dos nomes vernaculares podem contribuir significativamente para a conservação do patrimônio biocultural. Esse conceito, desenvolvido a partir da convergência entre a biologia da conservação e os estudos antropológicos, reconhece que a diversidade biológica está intimamente conectada à diversidade cultural, especialmente aos sistemas de conhecimento tradicionais (POSEY, 1999).

Pesquisas etnobiológicas, como as realizadas por Toledo (1992) e Posey (1985), mostram que comunidades indígenas e tradicionais identificam e classificam espécies com uma riqueza que muitas vezes ultrapassa os sistemas científicos, revelando uma ecotaxonomia local valiosa para políticas de conservação. Dessa maneira, ao incorporar esses saberes nos programas de manejo e proteção ambiental, é possível promover uma conservação mais inclusiva, respeitosa e eficaz. Além disso, essa valorização ajuda a fortalecer as identidades culturais e promove a resistência das comunidades diante das mudanças ambientais e sociais (POSEY, 1999).

Dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2025) e de pesquisas como as de Maffi (2005) mostram que muitas regiões com alta biodiversidade também concentram grande diversidade linguística e cultural — o que reforça a ideia de que os nomes populares de espécies são

marcadores bioculturais. Eles atuam como ferramentas de transmissão de conhecimentos ecológicos, ajudando na identificação de espécies ameaçadas, no manejo tradicional e em estratégias de conservação *in situ*.

No entanto, à medida que as línguas e culturas enfrentam ameaças de extinção, muitos dos conhecimentos associados aos nomes vernaculares também correm o risco de desaparecer (STIBBE, 2015). A perda de uma língua, muitas vezes, significa a perda de um sistema de conhecimento que é vital para a compreensão e a preservação dos ecossistemas locais (MAFFI, 2005). A evanescência contínua desses nomes — frequentemente associada à erosão linguística — pode representar também a perda de um saber ecológico essencial para estratégias de conservação.

Vallès (1996) retrata a vulnerabilidade de nomes populares no que tange à perda de conhecimentos, considerando que os jovens das novas gerações, ainda que moradores das zonas rurais, possuem um saber mais restrito, conhecendo menos quando comparados a seus pais e avós. Desse modo, os estudos a respeito da fitonímia e zoonímia populares são aliados no processo de conservação do conhecimento, assim como colaboram para a compreensão do histórico das relações das comunidades locais com a flora e a fauna. A valorização dos nomes vernaculares é fundamental não apenas para reconhecer o conhecimento local, mas também como estratégia efetiva para conservar a biodiversidade. Eles são parte viva do patrimônio biocultural da humanidade, e sua preservação é inseparável da proteção dos povos e culturas que os mantêm vivos.

4. Conclusão

O diálogo entre etnociências e ecolinguística, especialmente através dos nomes vernaculares de plantas e animais, é essencial para entender a interdependência entre diversidade cultural e biodiversidade. Através da documentação e valorização desses saberes, podemos não apenas preservar o conhecimento ecológico acumulado por gerações, mas também fortalecer as estratégias de conservação que respeitam e integram as vozes das comunidades locais. Assim, a proteção do meio ambiente deve ser reconhecida como uma tarefa intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que sustentam esse conhecimento vital.

Esse diálogo entre etnociências e ecolinguística é essencial para a preservação de saberes tradicionais, pois muitas vezes os fitônimos e os zoônimos correm o risco de desaparecer junto com as línguas e culturas que os originaram.

A valorização e documentação desses conhecimentos contribuem para a conservação da diversidade biocultural, reconhecendo que a proteção do meio ambiente está intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que mantêm esse conhecimento vivo. Portanto, reconhecer e valorizar os nomes vernaculares, à luz da etnobiologia e da ecolinguística, não é apenas um ato de respeito cultural, mas uma estratégia fundamental para preservar a biodiversidade e os modos de vida que com ela coexistem.

Referências

- ATRAN, Scott. *Cognitive foundations of natural history*. Londres: Cambridge University Press, 1990.

ECO-REBEL

- BERLIN, Brent. *Ethnobiological classification*: principles of categorization of plants and animals in traditional societies. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- BITENCOURT, Consuelo Penelu; CORDOVEZ LÓPEZ, Luis Miguel. A flor mariposa *Hedychium coronarium* J. Koenigg (Zingiberaceae): patrimônio cultural do povo cubano. In: COSTA NETO, Eraldo M.; FUNCH, Ligia S.; OLIVEIRA, Patrícia R. (orgs). *Botânica cultural*. Feira de Santana: Zarte, 2024. p. 283-287.
- COSTA NETO, Eraldo Medeiros. Folk taxonomy and cultural significance of “abeia” (Insecta, Hymenoptera) to the Pankararé, Northeastern Bahia State, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, v. 18, n. 1, p. 1-13, 1998.
- COSTA NETO, Eraldo Medeiros. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia*: um estudo de caso das interações seres humanos/insetos. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003.
- COSTA NETO, Eraldo Medeiros. La etnoentomología de las avispas (Hymenoptera, Vespoidea) en el poblado de Pedra Branca, estado de Bahía, Nordeste de Brasil. *Boletín de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, n. 34, p. 247-262, 2004.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolingüística*: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística*: contato de línguas. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- DALY, D. C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA, V. S.; SILVA, I. M.; SÁ, C. F. C. (orgs.). *Etnobotânica*: bases para conservação. Seropédia: EDuR, 1998. p. 50-68
- DA-SILVA, Elidiomar R. Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor. In: COSTA NETO, E. M.; FUNCH, L. S. (org.). *Práticas investigativas em Etnobotânica*: distintos olhares, afins encontros. Feira de Santana: Zarte, 2023. p. 121-144
- FILL, Alwin; MUHLHAUSLER, Peter. *The ecolinguistics reader*: language, ecology and environment. Nova York: Continuum, 2001.
- HUNN, Eugene. On the importance of gathering wild foods in diets: the role of ethnobiology in understanding human ecological adaptations. *Human Ecology*, v. 21, n. 3, p. 361-377, 1993.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Enciclopédia povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>. Acesso em 04 fev 2025.

ECO-REBEL

MAFFI, Luisa. Linguistic, cultural, and biological diversity *Annual Review of Anthropology*, v. 34, n. 1, p. 599-617, 2005.

POSEY, Darrell Addison. *Cultural and spiritual values of biodiversity*. Londres: UNEP, 1999.

POSEY, Darrell Addison. Indigenous management of tropical forest ecosystems: the case of the Kayapó Indians of the Brazilian Amazon. *Agroforestry Systems*, v. 3, n. 2, p. 139-158, 1985.

SANTOS, S. B.; PEDRALLI, G.; MEYER, S. T. Aspectos da fenologia e ecologia de *Hedychium coronarium* (Zingiberaceae) na estação ecológica do Tripuí, Ouro Preto-MG. *Planta Daninha*, v. 23, n. 2, p. 175-180, 2005.

STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. Nova York: Routledge, 2015.

TOLEDO, Victor M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. *Etnoecológica*, v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992.

VALLÈS, J. Los nombres populares de las plantas: método y objetivo en etnobotánica. *Monografías del Real Jardín Botánico de Córdoba*, n. 3, p. 7-14, 1996.

Aceito em 20 de junho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.